Dia 1 — Santo Elói ou Eligio, Bispo de Noyon

Martirológio Romano

O santo profeta Naum, que foi sepultado em Begabar. (Naum, que se interpreta Consolador, foi natural de Elcese, povoação da Galileia, na tribo de Simeão. Profetizou pouco antes de os assírios levarem cativas a sua terra as dez tribos, no tempo do rei Ezequias. Fala em particular contra os ninivitas, os quais, tendo feito penitência pela pregação de Jonas e alcançado de Deus o perdão, voltaram aos mesmos pecados de antes, consumando-os com a opressão e a crueldade com que trataram os israelitas. Anunciou Naum a total destruição de Nínive e a de todo o reino dos assírios, do qual era a capital, e assim aconteceu. Morreu Naum reinando em Jerusalém Manassés, filho de Ezequias e avô de Josias. Contém sua profecia três capítulos. Santo Epifânio, na vida de Naum, e com ele Doroteu de Tiro, dizem que os ninivitas foram destruídos com um terremoto grandíssimo, com muita água que inundou toda a cidade e com fogo que caiu do céu. É Naum um dos doze profetas menores e tem o sétimo lugar. A Igreja católica se serve de sua profecia nas lições da segunda-feira da quinta semana de novembro.)

Os santos mártires Diodoro, presbítero, e Mariano, diácono, com muitos outros, em Roma; os quais, por mandado do imperador Numeriano, alcançaram a coroa do martírio.

O martírio dos santos Lúcio, Rogato, Casiano e Cândida, também em Roma.

Santo Ansano, mártir, no mesmo dia; o qual, no tempo do imperador Diocleciano, tendo confessado a Jesus Cristo em Roma, foi encarcerado e logo remetido ao procônsul Lísias, em Siena, na Toscana; e sendo nesta cidade degolado, acabou a carreira de seu martírio.

Santo Olímpíades, varão consular, em Améria, no ducado de Espoleto; o qual foi convertido à fé por santa Firmina e, no tempo de Diocleciano, atormentado no cavalete, alcançou a palma do martírio (no mesmo lugar em que, sendo ele procônsul, havia feito degolar a outros).

Santo Ananias, mártir, em Arbela, na Pérsia.

São Próculo, bispo e mártir, em Narni; o qual, depois de ter feito muito esclarecidas obras de virtude, foi degolado por mandado de Totila, rei dos godos.

Santo Evásio, bispo e mártir, na cidade de Casale. (Morreu santamente no ano de 522.)

São Castriciano, bispo, em Milão; o qual, em meio de uma cruelíssima perseguição que padecia a Igreja, resplandeceu por suas virtudes e por suas piedosas e santas obras. (Crê-se, segundo alguns, que foi ordenado bispo de Milão pelos Apóstolos. Repetidas vezes se expôs voluntariamente à morte; mas nunca pôde conseguir a coroa do martírio, porque até os próprios gentios respeitavam suas virtudes. O imperador Domiciano o mandou açoitar cruelmente e depois o deixou em liberdade. De duas casas que lhe cedeu um nobre cristão fez duas igrejas e deixou outros monumentos em comemoração de seu pontificado, o qual durou quarenta anos, e morreu em santa paz no fim do século I.)

São Ursicino, bispo, em Bréscia (na Itália, e foi o sexto bispo daquela cidade).

Santo Elígio (ou Elói), bispo, em Noyon, em Flandres, cuja admirável vida é recomendável por muitos milagres. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Acério, bispo, em Verdun. (Tornou-se recomendável este santo Prelado por sua caridade com os pobres, pelo conhecimento profundo das santas Escrituras e por sua assídua constância em instruir o povo. Sendo parente do rei Childeberto, gozou com ele de grande privança, a qual empregou sempre para favorecer a Igreja e os desvalidos. Morreu na paz do Senhor pelos anos de 388.)

Santa Natália, mulher de santo Adriano, mártir, no mesmo dia; a qual, no tempo do imperador Diocleciano, assistiu por muito tempo aos santos Mártires que estavam encarcerados em Nicomédia; e, tendo estes consumado o martírio, partiu ela para Constantinopla, onde morreu em santa paz. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santo Elói ou Eligio, Bispo de Noyon

Santo Elói, um dos mais belos ornamentos da Igreja da França, nasceu em Catelat, aldeia do Limousin, pelo ano de 588; foi filho de um honrado camponês chamado Euquério, o qual, na mediania de sua condição e de sua fortuna, vivia com honradez e se distinguia dos demais por sua probidade. Sua mãe, chamada Terrígia, não se distinguia menos por sua piedade e por sua prudência. Estando grávida de nosso Santo, teve um sonho em que se lhe deu a entender que o menino de que estava grávida seria um dia alguma coisa acima do comum dos homens. Pareceu-lhe ver uma águia que, do mais alto do céu, se deixava cair sobre ela por três vezes e depois revoava ao redor de seu ventre, como em sinal de respeito. Um bom eclesiástico, a quem comunicou sua visão, predisse-lhe que daria à luz um filho que seria grande diante de Deus e dos homens por sua eminente santidade. Este sucesso obrigou seus pais a pôr-lhe o nome de Eligio ou Elói, para significar que havia sido escolhido por Deus antes mesmo de nascer. Os cuidados que

empregaram em educar seu filho no santo temor de Deus corresponderam à ideia que haviam formado à vista dessas predições. Desde seus mais tenros anos o dedicaram aos exercícios de piedade; seu bom gênio e a docilidade de seu espírito e de seu coração às impressões da Graça deixaram pouco que fazer à educação. Tendo seu pai providenciado que se instruísse nos princípios das ciências humanas e divinas, e vendo-o naturalmente hábil para tudo o que empreendia, e sobretudo advertindo nele muita indústria e delicadeza para os trabalhos manuais, pô-lo com um ourives de Limoges. Este hábil mestre encontrou em seu aprendiz um engenho tão sobressalente e um talento tão particular que não foi necessário muito tempo para ensinar-lhe todos os primores da arte. Muito cedo soube Elói mais que seu mestre; mas o que mais lhe granjeou a estima foi seu gênio suave e serviçal, sua ingenuidade e uma piedade cristã que jamais se desmentiu. Era frequente na igreja, e especialmente os domingos e dias de festa os consagrava inteiramente à oração, aos ofícios divinos e às obras de misericórdia. Como era tão exato em cumprir todas as obrigações de cristão, chamavam-no o religioso secular; de modo que, se este jovem artífice era admirado por sua habilidade na arte de ourives, era-o ainda mais por sua habilidade na ciência prática dos Santos.

Com a idade de uns trinta anos, a Providência o conduziu a Paris. Muito cedo se distinguiu por sua habilidade e por sua virtude nesta capital da França; deu-se a conhecer a Bobão, que era então ministro da Fazenda, o qual, encantado com sua habilidade, mandou-lhe fazer muitas obras de valor. Este ministro, depois de ter feito muitas provas de sua destreza, alegrou-se de que se lhe houvesse apresentado ocasião de dá-lo a conhecer. O rei Clotário II desejava que lhe fizessem uma cadeira de ouro e pedraria, segundo o modelo de sua ideia, que nenhum artífice de Paris havia podido atinar. Bobão, que conhecia o engenho e a destreza de Elói, disse ao Rei que tratava com um homem capaz de desempenhar o encargo a gosto de Sua Majestade. O Rei mandou tirar de seu tesouro uma quantidade considerável de ouro e pedraria para entregá-la ao artífice e fazê-la empregar na obra. Elói trabalhou sobre o modelo que se lhe havia traçado; e do ouro que se lhe havia dado fez duas cadeiras que superaram a ideia que o Rei havia formado em sua imaginação. A princípio apresentou só uma. O Príncipe ficou surpreso com a diligência do artífice e com o esmero da obra; mas foi muito maior seu pasmo quando, fora de toda expectativa, lhe apresentou a segunda. Esta aventura deu a conhecer nosso Santo em toda a corte. O Rei, encantado não só com a habilidade do artífice, mas também com sua boa-fé e sua prudência, tomou-lhe tanto afeto que, mal lhe havia dirigido duas ou três palavras, já lhe deu toda a sua confiança. Elói veio a ser o privado do Rei, mas não abusou de sua privança. Jamais o viram menos humilde, nem menos comedido, nem menos devoto. A pureza de seus costumes, sua devoção terna e a regularidade inalterável de sua conduta o faziam cada dia mais estimável. O Rei não cessava de fazer-lhe o elogio na presença dos cortesãos; mas sua virtude o pôs sempre ao abrigo da inveja. O Rei lhe deu aposento no palácio, onde gostava de vê-lo trabalhar e de falar com ele; mas quanto mais de perto o via, descobria nele maior virtude e maior prudência. Encantado o Rei com tão belas qualidades, quis atraí-lo a seu serviço de modo que não lhe ficasse liberdade para deixá-lo em tempo algum. Estando um dia em seu palácio de Rueil, mandou-o vir e disse-lhe que lhe havia de fazer juramento de fidelidade sobre as santas relíquias. Ao só nome de juramento sobressaltou-se a delicadeza de sua consciência; e, lembrando-se de que Jesus Cristo havia proibido a seus discípulos todo juramento, não pôde resolver-se a pôr a mão sobre o relicário e muito menos a jurar. Senhor, disse-lhe, Deus me proíbe jurar, mas me manda que vos seja fiel; isto vos deve bastar; e Vossa Majestade pode estar seguro de que lhe serei fiel até a morte. Ao dizer estas palavras, não pôde

conter as lágrimas. O Rei se enterneceu e não quis insistir mais. Santo Ouen, que tinha então treze ou catorze anos de idade, achou-se presente a este passo e ficou tão encantado com a modéstia e piedade de nosso Santo que desde então quis ser não só seu amigo, mas também seu discípulo, e esta amizade tão estreita e tão pura durou toda a vida.

Parece que o ar da corte havia de alterar a inocência de Elói; mas foi tão ao contrário que, quanto mais honrado se via do Rei e dos cortesãos, tanto mais pura e brilhante se mostrava sua devoção. Cada dia lhe desagradava mais o resplendor da grandeza do mundo. Resolveu-se a viver uma vida ainda mais perfeita que a que havia tido até então, para o que começou por uma confissão de toda a sua vida; a qual, embora muito inocente, não deixou de causar-lhe vivos pesares e agudos remorsos que o obrigaram a recorrer a todos os rigores da mais austera penitência. Além de ser contínuo o seu jejum, passava uma parte da noite orando e meditando as maiores e mais terríveis verdades da Religião; maltratava sem cessar sua carne com mil inocentes crueldades. Não obstante todos estes rigores, não podia acalmar suas inquietações nem moderar a dor que lhe causavam seus pecados passados: suas lágrimas não tinham fim, seus temores aumentavam cada dia mais e não cessava de implorar a divina misericórdia. Esta salutar inquietação levou-o um dia a solicitar de seu Salvador, com uma fé viva, que lhe desse a conhecer se lhe era agradável sua penitência.

Havia em seu quarto diversas relíquias de Santos penduradas no teto, sob as quais costumava fazer oração à noite, prostrado por terra. Estando uma noite nesta humilde postura, deixou-se levar do sono. Estando assim dormindo, pareceu-lhe ver uma pessoa que lhe dizia que sua oração havia sido ouvida e que se lhe iam dar provas sensíveis de que assim era. Tendo despertado, encontrou toda a cabeça umedecida de um licor cheiroso que destilava a caixa em que estavam aquelas relíquias. Este maravilhoso sucesso o consolou e acalmou suas inquietações.

Tendo morrido o rei Clotário, sucedeu-lhe seu filho Dagoberto; e se o pai estimava muito nosso Santo, o filho lhe deu ainda maiores provas de sua amizade e de sua confiança. Aproveitando-se Santo Elói deste favor, inspirou a este grande Príncipe grandes sentimentos de Religião, afastou-o de muitas desordens e fez que vivesse uma vida verdadeiramente cristã. Como a privança de nosso Santo com o Rei ia cada dia em aumento, os cortesãos, a quem era gravosa a virtude sobressalente de nosso Santo, valeram-se de mil artifícios para desacreditá-lo diante do Rei; mas todas as suas calúnias só serviram para tornar sua virtude mais brilhante; e em lugar de vingar-se deles, Santo Elói foi o mais poderoso protetor que tiveram junto ao Rei. Continuou seu ofício de ourives no reinado de Dagoberto; mas teve a satisfação de não trabalhar quase jamais senão em honra dos Santos e da Igreja.

Cumulado de bens pelo Rei, cumulava deles os pobres. Não se pode levar mais longe a caridade do que a levou nosso Santo; empregava toda a sua fazenda em alimentar os pobres, em resgatar os cativos ou em fundar estabelecimentos de piedade. Um dos primeiros que fundou foi a célebre abadia de Solignac, num terreno que o Rei lhe doou perto de Limoges. Dotou-a ricamente e pô-la sob a regra de São Columbano; e este mosteiro veio a florescer tanto com o tempo que foi o modelo e a matriz de muitos outros. Fundou também alguns outros no Limousin. E tendo-lhe dado o Rei uma bela casa em Paris, fez dela um célebre mosteiro de donzelas, sob a invocação de São Marcial, onde pôs até trezentas religiosas sob a direção de Santa Áurea. Para a comodidade deste

grande mosteiro necessitava-se de uma pequena praça que era do patrimônio real; pediu-a ao Rei e a obteve conforme o plano que lhe havia apresentado; mas advertindo depois que na medida da terra havia havido um pé de erro de conta, sentiu-o tanto que, lançando-se aos pés do Rei, ofereceu expiar sua falta com o sacrifício de sua vida. Esta delicadeza de consciência pasmou toda a corte; e o Rei teve razão de dizer que a fidelidade dos que servem a Jesus Cristo é o mais severo fiscal da má-fé das gentes do mundo. Nosso Santo fez muitas outras fundações piedosas; mandou edificar em Paris a igreja de São Paulo, a qual é hoje uma das mais consideráveis paróquias da capital.

Como nosso Santo tinha tal estima e tanta inclinação pela vida religiosa, sua casa era a hospedaria ordinária dos religiosos forasteiros, os quais encontravam nele um perfeito modelo da vida mais penitente e mais regular. O Rei tinha tanta confiança em sua virtude e em sua capacidade que o enviou por embaixador ao conde da Bretanha para terminar algumas diferenças que havia entre as duas cortes. Toda a sua viagem foi uma série contínua de esmolas e de boas obras. Sua embaixada teve o feliz êxito que se havia desejado. Os aplausos que recebeu na volta aumentaram o desgosto com que já antes olhava tudo o que há no mundo de mais lisonjeiro. Aumentou seus exercícios de penitência e de piedade; vestiu um áspero cilício, do qual jamais se despojou. A oração, a leitura e as boas obras ocupavam todo o tempo que lhe deixava livre a precisa assistência ao Soberano. Chamavam-no o religioso da corte, porque no meio da corte vivia tão retirado e tão abstraído como poderia no mais espantoso deserto. Mas Deus havia destinado nosso Santo para que fosse um dos mais belos ornamentos da dignidade episcopal, depois de haver sido a admiração de toda a corte.

Tendo morrido Santo Acário, bispo de Noyon e de Tournai, o clero e o povo concordaram em pedir Santo Elói por seu bispo. Dagoberto havia morrido já, e seu filho Clóvis II não podia resolver-se a privar-se da presença de um súdito cujos sábios conselhos lhe eram tão necessários. Contudo, a necessidade da Igreja pôde mais junto ao Rei que a do Estado; mas havia outro obstáculo muito maior a vencer: era a humildade de nosso Santo; superou-se, porém, e, apesar de seus rogos, de suas lágrimas e de suas razões, foi preciso que se resolvesse a receber as sagradas ordens; depois do que se foi a Ruão, onde foi consagrado bispo no ano de 640, juntamente com seu íntimo amigo Santo Ouen, que se consagrou ao mesmo tempo.

Santo Elói não voltou à corte senão para despedir-se dela para sempre: foi a Noyon, onde foi recebido por todos com aquela alegria que inspira a opinião de uma santidade universalmente reconhecida. No episcopado conservou sempre a mesma humildade e o mesmo espírito de oração e de penitência. Sua casa foi sempre a dos pobres, e jamais teve rendas senão para fazer esmolas; sua solicitude pastoral fez-se admirar desde o princípio no zelo e vigilância que empregou para conservar e aumentar o rebanho que se lhe havia confiado. Tendo feito no primeiro ano a visita da diocese de Noyon e de Vermandois, com grandes vantagens para a piedade e para a disciplina eclesiástica, começou no ano seguinte suas viagens apostólicas pelo território de Tournai, em Flandres, e levou seu zelo até a Zelândia e às extremidades do Brabante, onde parecia que a idolatria se havia entrincheirado; forçou-a até em suas últimas trincheiras e em todas as partes fez novas conquistas para Jesus Cristo, levantando o estandarte da cruz sobre as ruínas do paganismo. Os cantões de Courtrai e de Gand eram ainda terras por desbravar; mas Santo Elói fez deles uma vinha abundante para o Senhor.

Para assegurar as conquistas que fazia para Jesus Cristo por meio de suas pregações e trabalhos apostólicos, fundou muitas igrejas e mosteiros em todos os países que havia agregado à fé. Não se pode dizer tudo o que teve de sofrer em todas estas viagens e quantas vezes se viu em perigo de perder a vida. Um dia, pregando numa paróquia do campo, vizinha de Noyon, declamou fortemente contra os bailes e outras diversões totalmente pagãs. Os editos e mandatos do santo Bispo foram obedecidos; mas os libertinos conjuraram-se contra o santo Pastor e sublevaram contra ele uma parte do povo. Santo Elói não se acovardou por isso; antes pregou com mais zelo contra os abusos; mas vendo que os ânimos se exasperavam cada dia mais, julgou que devia pedir a Deus que se dignasse castigar aqueles indóceis, mortificando de algum modo seu corpo para salvar suas almas: foi ouvido seu pedido, e cerca de cinquenta dos mais alvoroçados ficaram possessos do demônio no mesmo instante; perseveraram um ano inteiro em suas tristes humilhações, das quais não ficaram livres senão no mesmo dia do ano seguinte, em que o Santo recebeu sua submissão e a de todos os outros.

Nosso Santo operou grande número de outros milagres em todo o tempo de seu episcopado; foi dotado também do dom de profecia. Profetizou a morte de muitos grandes e a do rei Clóvis ou Clodoveu II, como havia profetizado também a do rei Dagoberto. Assistiu a um concílio congregado em Châlons-sur-Saône no ano de 644; e, não contente com ser útil aos de seu tempo, deixou à posteridade muitas homilias e um grande discurso que por muito tempo mereceu ser atribuído a Santo Agostinho. Enfim, cheio de méritos e consumido de penitências e de trabalhos, morreu com a morte dos Santos no ano de 659, o setuagésimo de sua idade e o décimo nono de seu episcopado. Ainda não havia expirado quando toda a cidade de Noyon mostrou o vivo sentimento que lhe causava a perda de seu santo pastor e pai. No mesmo dia viu-se chegar à cidade a rainha Santa Batilde, com os príncipes seus filhos e com todos os grandes da corte, que haviam partido de Paris à primeira notícia de sua enfermidade. Tendo-se prostrado a piedosa Rainha aos pés de nosso Santo para beijá-los, começou a sangrar pelo nariz em abundância. A Rainha mandou recolher este sangue em lenços para conservá-los preciosamente. Tinha grandes desejos de fazer levar o santo corpo a Paris; mas experimentou-se tão pesado que não foi possível movê-lo de seu lugar; o que fez conhecer que Deus queria que esta piedosa relíquia ficasse em sua catedral. As exéquias que se lhe fizeram foram magníficas, e seu culto é desde então muito célebre em Noyon e em outras partes.

Santa Natália

Entre os prodígios do valor cristão que se celebram nos fastos eclesiásticos no tempo das perseguições gentílicas, é digno dos mais altos elogios o heroísmo de Santa Natália, mulher do ilustre mártir Santo Adriano, cuja memória, assim como foi a admiração dos séculos futuros, foi então seu ardente zelo pela religião de Jesus Cristo o assombro dos próprios pagãos.

Tendo-se apresentado o imperador Maximiano na cidade de Nicomédia com firme resolução de dar a morte a todos os fiéis que se recusassem a prestar adoração aos ídolos, consternado todo o rebanho de Jesus Cristo ao ouvir os ímpios editos que fez publicar aquele tirano, retiraram-se muitos aos desertos para fugir daquela fera insaciável do sangue inocente dos Cristãos. Presos

destes fugitivos vinte e três ilustres Confessores, procurou Maximiano rendê-los a sacrificar aos falsos deuses por quantos meios pôde sua tirania inventar; mas vendo-os inflexíveis em condescender com seus sacrílegos desígnios, mandou que, carregados de prisões, os conduzissem ao cárcere, onde os verdugos os atormentassem com diferentes gêneros de tormentos, tais que servissem de escarmento a todos os Cristãos da cidade e de toda a província.

Presenciou Adriano a tortura; e convencido de que o valor e a constância com que os Mártires sofriam tão enormes castigos eram efeitos sem dúvida de alguma virtude sobrenatural oculta, e de que a alegria que mostravam em semelhantes penas acreditava a esperança de algum bem sumo que os animava a padecer com tanto gosto; instruído pelos próprios Mártires de que o termo a que aspiravam por aquelas transitórias penas era nada menos que uma felicidade eterna, prometida por Jesus Cristo aos que o confessassem na presença de seus inimigos, e inflamado em vivíssimos desejos de desfrutar esta ventura, declarou-se crente em Jesus Cristo; por cuja confissão ordenou o Imperador que, amarrado com pesadas cadeias, fosse levado à prisão onde se achavam os demais Confessores.

Soube Natália o sucesso inopinado e, informada da causa motiva, como era cristã de profissão, passou ao cárcere imediatamente, cheia de extraordinário gozo e, posta aos pés de seu marido, beijando as prisões, falou-lhe nestes termos: Bem-aventurado és, senhor meu, porque achaste a felicidade que não herdaste de teus pais, envoltos nas miseráveis sombras do gentilismo. Não cuides dos bens nem das riquezas deste mundo, que são inúteis na hora da morte: atende somente às promessas eternas feitas por Deus aos Cristãos na vida imortal, onde o justo Juiz remunera os que confessam seu santo nome diante de seus inimigos: permanece constante na vocação a que foste chamado: não te separem deste bom propósito teus pais, parentes ou amigos, nem o respeito dos bens temporais corruptíveis: não se esfrie o fervor que tão justamente concebeu teu espírito pela adulação ou conselhos ímpios dos que tentarem separar-te de uma carreira tão ditosa, cujo fim é a eternidade de uma glória imarcescível: cuida unicamente de consegui-la, refletindo no gozo com que padecem estes ilustres Confessores por alcançar esta ventura: imita sua fortaleza, segue sua paciência: não te perturbe a ira do Imperador, nem te intimidem os tormentos, que em breve tempo passam e se acabam.

Concluída aquela exortação vigorosa a Adriano, capaz de imprimir em seu espírito aquele valor e aquela fortaleza que manifestou nos tormentos, e dada pelo Santo a palavra de que a avisaria quando urgisse a causa, para que o assistisse em sua morte, foi visitar os vinte e três presos por Jesus Cristo; e praticando com eles a mesma diligência de beijar suas prisões, banhada em lágrimas fez-lhes a seguinte súplica: Socorrei vós, servos de meu Senhor Jesus Cristo, a ovelha que se agregou a seu rebanho: dai-lhe documentos de paciência, fazei-lhe ver os eternos prêmios a que aspira vosso sofrimento, certificai-o nas verdades infalíveis que crê nossa fé; e exercei os ofícios de pais espirituais, ilustrando-o, já que os seus carnais são gentios, cegos e ímpios.

Passados alguns dias, soube Adriano que urgia a audiência da causa e, querendo cumprir a palavra dada a Natália, conseguiu licença dos guardas do cárcere para ver sua esposa, à custa de grandes somas, dando por fiadores seus companheiros. Um criado, cheio de regozijo, deu-lhe aviso de que vinha a sua casa Adriano; e, crendo a Santa que teria conseguido a liberdade por ter desertado da fé de Jesus Cristo, fechou a porta e começou a declamar contra a infidelidade de seu marido,

dizendo-lhe que se afastasse dela, pois não queria ouvir as palavras de quem se atreveu a negar o verdadeiro Deus que já havia conhecido. Admirado o Santo ao ouvir as expressões de sua esposa, nascidas de seu ardoroso zelo pela religião de Jesus Cristo, viu-se na precisão de manifestar-lhe tudo o ocorrido, dizendo-lhe que se achava com resolução firme de padecer todos os tormentos que os gentios pudessem inventar, e que o fim de sua vinda não era outro senão dar-lhe o aviso prometido, para o que havia dado fiadores a seus santos companheiros; com o que, sossegada Natália, abriu-lhe e exortou-o novamente a que acreditasse com valor e fortaleza a fé de Jesus Cristo.

Restituiu-se Adriano à prisão com um novo espírito, ansioso de que chegasse o tempo de manifestar com provas práticas os desejos ardentes que tinha de padecer por amor de Jesus Cristo. Passou depois ao cárcere Natália e, cheia de compaixão ao ver as muitas feridas dos santos prisioneiros, cobertas de vermes pela putrefação, manteve-se por espaço de sete dias ministrando-lhes todos os auxílios de que necessitavam em tão miserável situação.

Mandou o tirano que os ilustres Confessores se apresentassem a seu tribunal; mas tendo-lhe representado o relator da causa que não podiam comparecer porque se achavam cobertos de chagas, podres os membros e descobertos os ossos à força dos tormentos que padeceram na prisão, e que só Adriano estava em disposição de sofrer o julgamento de todos, ordenou que o conduzissem nu, com um lenho sobre os ombros. Invejavam-lhe os companheiros a ventura de levar ao suplício a mesma insígnia em que morreu o Redentor; mas excedendo a todos Natália na santa emulação, aproximando-se dele com um valor excessivo a seu sexo, disse-lhe: Senhor meu, olha só para Deus; não aterre teu coração o aspecto dos tormentos, pois a pena é transitória e o prêmio é eterno: breve é a tortura e o descanso é perpétuo. Atende a que deves preferir o reino dos céus, que herdarás para sempre, aos suplícios eternos a que serás condenado se cederes aos príncipes da terra no tempo da guerra humana.

Animado Adriano com os vigorosos ecos de tão sábias quão zelosas exortações de sua esposa amada, apresentou-se ao tribunal do tirano com uma generosa intrepidez a sofrer o penoso interrogatório do Imperador, enfurecido contra os Cristãos, o qual, vendo inúteis todos os esforços de que se valeu para que sacrificasse aos ídolos, mandou que o açoitassem severissimamente. Fizeram-no os verdugos com tanta crueldade que caíram por terra vários pedaços de suas delicadas carnes; mas não satisfeita a ira daquele ímpio Príncipe com semelhante castigo, vendo que o Santo continuava constante na confissão de Jesus Cristo, ordenou a quatro homens robustos que lhe açoitassem o ventre, até que, caindo ao chão parte de suas entranhas, dispôs que o levassem de volta à prisão.

Encheu de compaixão aquele lastimoso espetáculo até os próprios pagãos: só Natália, transbordando de alegria, celebrava o valor de seu esposo dizendo-lhe: Bem-aventurado és, senhor meu, pois te fizeste digno da honra de ser contado entre os Santos, tendo padecido por aquele que padeceu por ti; atende a que vais ver sua glória, da qual serão participantes os que o foram de seu padecer nesta vida.

O Imperador proibiu que entrassem mulheres no cárcere a ministrar algum alívio aos santos Confessores; e, sabendo Natália da injusta providência, cortou o cabelo e, vestida de homem,

assistia-lhes infatigável, com outras senhoras cristãs que por sua influência adotaram a invenção, querendo contribuir para seus piedosos ofícios.

Finalmente, conhecendo o tirano que os Confessores de Jesus Cristo haviam de morrer à força da dor e da putrefação das feridas que haviam padecido, querendo que falecessem com uma morte desusada, mandou que os verdugos, postos os pés dos Santos sobre um cepo de metal, os cortassem com um ferro, quebrando-lhes as pernas. Quando os verdugos chegaram ao cárcere para a execução daquele castigo, temerosa Natália de que seu esposo pudesse intimidar-se vendo padecer tão estranho tormento a seus santos companheiros, rogou-lhes que começassem por Adriano e, tomando ela mesma seus pés, estendeu-os no cepo para o cruento corte; e, não satisfeita com esta prova, suplicou-lhe que desse sua mão para o mesmo fim, como o Santo o fez, a qual Natália guardou consigo.

Depois que morreram todos os Mártires, mandou o tirano que se queimassem seus corpos, a fim de que os galileus (como chamava ele aos Cristãos) não pudessem recolhê-los para tributar-lhes as homenagens devidas; mas, logo que os lançaram à pira, levantou-se de repente uma tempestade tão furiosa de trovões, relâmpagos e granizo que, além de extinguir o incêndio, fez que os gentios fugissem precipitadamente, com cujo motivo Natália e outros cristãos recolheram os veneráveis cadáveres íntegros, sem que o fogo lhes tivesse lesado um só cabelo de suas cabeças.

Achava-se ali certo varão piedoso chamado Eusébio que, embora tivesse habitado perto de Nicomédia, vendo a impiedade que se executava na cidade contra os Cristãos, retirou-se para Constantinopla com sua família. Rogou este a Natália que lhe desse os corpos dos Santos para depositá-los em lugares ocultos até a morte do tirano, depois da qual se lhes fariam as honras devidas; pois do contrário se expunham a que, insistindo o Imperador em seu empenho, reduzisse a cinzas os preciosos tesouros que o céu havia livrado à custa de seus prodígios; e condescendendo todos com pretensão tão justa, foram trasladados a Constantinopla.

Passados alguns dias, como Natália era uma das senhoras principais de Nicomédia, nobre, rica e de rara formosura, pediu ao Imperador um dos oficiais de seu exército que a desse por esposa. Insinuou-lho o Príncipe por meio de certas nobres matronas; mas tendo a Santa pedido três meses para deliberar sobre o assunto, recorreu a Deus neste tempo com reverentes súplicas para que a livrasse daquele apuro, não permitindo que um idólatra manchasse o leito de seu servo Adriano. Ouviu o Senhor com agrado suas petições, e numa das ocasiões em que orava com este fim, aparecendo-lhe um dos santos Mártires, ordenou-lhe que, entrando numa nau, passasse a Constantinopla, onde estavam seus corpos; o que fez Natália imediatamente, acompanhada de alguns cristãos que fugiram da crueldade de Maximiano.

Logo que o oficial soube da fuga de Natália, pediu auxílio ao Imperador para persegui-la e, franqueando-lhe tudo o necessário aquele ímpio Príncipe, embarcou com a tropa suficiente em sua busca. Mas Deus a livrou desta furiosa tentativa e de outra ilusão do inimigo infernal, que quis enganá-la fazendo-a crer que levava errado o rumo. Apenas saltou em terra a Santa, foi sua primeira diligência conduzir-se ao lugar onde estavam os corpos dos Mártires, a fim de tributar-lhes a veneração devida. Ficou em oração adormecida, fatigada do cansaço: apareceu-lhe seu esposo e, dizendo-lhe: A paz seja contigo, serva de Deus e filha dos Mártires; vem, pois, e recebe a coroa que

te é devida, passou a desfrutar os eternos gozos com que o Senhor premiou seu ardor e zelo pela fé de Jesus Cristo.

Logo que cessou a perseguição, os fiéis erigiram uma basílica ou igreja em Constantinopla em honra dos referidos Mártires, onde lhes tributaram o culto e a veneração competente. De lá se trasladaram depois os corpos de Santo Adriano e Santa Natália a Roma, e daqui à Espanha, no reinado de Dom Afonso, o Magno, por seu embaixador naquela corte, a quem os concedeu o papa João VIII com as relíquias de outros Santos, os quais se conservam em grande veneração perto de Leão, no mosteiro de São Pedro de Eslonza, da Ordem de São Bento. Egídio González de Ávila escreve que no de São Cláudio da mesma cidade e Ordem existem um braço de Santo Adriano e outro de Santa Natália.

O Martirológio Romano faz comemoração de Santo Adriano no dia 4 de março e no dia 8 de setembro, em que se celebra sua principal festividade, e foi o de sua trasladação.

São Domingos Sarracino e seus Companheiros Mártires

Da paixão de São Domingos Sarracino Yáñez resta memória num privilégio do rei Dom Bermudo II, chamado o Gotoso, que conserva a santa igreja de Compostela e que publicaram Ambrósio de Morales e o M. Flórez. Entre as grandes atrocidades que na Espanha fez Maomé Almansor, filho de Abenamir e governador do reino de Córdoba no tempo de Hixem II, filho de Alcácer ou Alhaquém, foi muito notável a derrota que pelos anos de 980 padeceu a vila que hoje é, e era então, nobilíssima cidade de Simancas, distante duas léguas de Valladolid, à beira do Douro. Por este meio procurava ter aberto o caminho para outras invasões, por ser aquela cidade como porta e entrada para todo o reino de Leão. Pôs-lhe cerco, repartiu o exército por suas estâncias; apertou o sítio de tal maneira que, abertas brechas nos muros e escancaradas as portas, entraram nela à força, passaram à espada quase todos os cristãos que nela encontraram, saquearam-na, derrubaram seus muros e arrasaram seus edifícios. Feito este estrago, voltaram a Córdoba, levando consigo presos alguns cristãos que escaparam da matança. Um destes era nosso Santo, homem rico, natural da cidade de Zamora, onde tinha suas fazendas e herdades. Encerraram-nos em masmorras, carregaram-nos de prisões: dois anos e meio estiveram daquela maneira, bendizendo a Nosso Senhor e dando-lhe graças porque lhes dava forças para padecer por seu nome. E como o Senhor tem cuidado de todos, e especialmente de todos os atribulados que recorrem a ele e se lhe oferecem em sacrifício, compadecido daquelas tão grandes e longas fadigas, determinou pôr-lhes glorioso fim, permitindo que o tirano, em ódio à fé, os tirasse do cárcere e mandasse degolá-los, com o que chegaram coroados a sua divina presença. Foi este esclarecido triunfo no ano de 982, e não no de 985, como creu Roa, fundado na equivocação de que este foi o ano primeiro de Dom Bermudo. Nossos historiadores o fixam em dezembro. Não se sabe o número de Mártires que padeceram nesta ocasião, nem o nome de outro mais que o de nosso Santo.

Estando São Domingos no cárcere, o rei Dom Ramiro III de Leão apoderou-se cobiçosamente de todas as suas posses e gozou delas até sua morte, contra o decoro de sua real pessoa. Morto este Rei, Dom Bermudo II, que lhe sucedeu na coroa, não quis manter esta injusta posse; antes de tudo tratou do resgate de Domingos, para redenção, como ele diz, de sua alma. Enviou seus mensageiros ao rei de Córdoba; antes que eles chegassem à cidade, já os servos de Deus haviam recebido a coroa de seu combate. Logo que o Rei teve notícia de seu martírio, fez herdeira daquelas herdades a igreja de Compostela. Por isso diz: Eu, o sobredito rei Dom Bermudo, em penhor do amor que tenho a Deus e em memória do sobredito mártir Domingos Sarracino, quero fazer doação de parte desta fazenda, como coisa devida e justa, à igreja onde está sepultado o apóstolo Santiago, nosso padroeiro, onde agora é bispo Pedro, escolhido de Deus, para que seja sua e a gozem para sempre; e, tendo assinalado as peças, que são muitas e de muito preço — terras, vinhas, lagares, casas, azenhas, alquerias, lojas, adega com todas as suas alfaias, termos, direitos e ações —, prossegue dizendo: Tudo o que como aqui vai expresso mandamos se entregue à igreja do santo Apóstolo, em memória e honra do dito São Domingos, para que os que ali vivem servindo a Deus, e lembrando-se dele, fazem comemoração de seus benefícios e lhe oferecem cada dia orações e sacrifícios, tenham socorro no temporal.

Ambrósio de Morales e o P. Roa dizem que em Zamora, junto ao vau onde São Domingos tinha as azenhas, há uma ermida antiquíssima com sua invocação e nela um sepulcro que mostra não menos antiguidade, de onde os naturais tomam terra para levar por relíquia. E noutra memória antiga das coisas notáveis de Zamora se acha escrito que naquele sepulcro está o corpo do santo Mártir; ainda que ali o nomeiem por erro abade, não se achando este título no privilégio do Rei onde se diz seu nome e sua riqueza. Morales conjecturou que era casado, por uma grande pedra de mármore azul que parece epitáfio de sua mulher e se conserva no antigo convento dos santos mártires Acisclo e Vitória. Quando ou como se trasladou a Zamora o corpo de São Domingos, não consta. Pôde ser que o rei Dom Bermudo, pela devoção que lhe tinha, ou talvez instado pelos de Zamora, resgatasse depois suas relíquias. Estas são conjecturas de Roa e de Sánchez de Feria. (M. Flórez, t. 14, p. 597 e seguintes.)

Missa (oração)

A missa de Santo Elói é a que se diz ordinariamente em honra dos Confessores pontífices, e a oração da missa é a seguinte:

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Eligii, confessoris tui atque pontificis, solemnitate deferimus: ut qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolvas peccatis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi, Senhor, as súplicas que vos oferecemos na festa de vosso confessor e pontífice Santo Elói; e, assim como ele vos serviu dignamente, livrai-nos de todos os nossos pecados em atenção a seus méritos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é da carta do apóstolo São Paulo aos Hebreus, capítulo 5.

Hebreus 5,1-4

> **Latim:** [1] Omnis namque pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, et sacrificia pro peccatis : [2] qui condolere possit iis qui ignorant et errant : quoniam et ipse circumdatus est infirmitate : [3] et propterea debet, quemadmodum pro populo, ita etiam et pro semetipso offerre pro peccatis. [4] Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tamquam Aaron.

Português: [1] PORQUE todo o pontífice assumpto d'entre os homens, he constituído a favor dos homens naquellas cousas, que tocão a Deos, para que offereça dons, e sacrificios pelos pecados: [2] o qual se possa condoer d'aquelles, que ignorão, e errão: por quanto elle tambem está cercado de enfermidade. [3] E por esta causa deve, tanto pelo povo, como tambem até por si mesmo, offerecer sacrificio pelos peccados. [4] E nenhum usurpa para si esta honra, senão o que he chamado por Deos, como Arão.

Reflexões

Todo pontífice, tomado dentre os homens, é constituído em favor dos homens. Irmãos meus, todo pontífice tomado dentre os homens está estabelecido para o bem dos homens nas coisas que dizem respeito a Deus. É Deus quem elege os pastores de seu povo; é Deus quem os estabelece na Igreja para servir ao povo e à Igreja de pais, de pastores e de oráculos; a eles toca conduzir as ovelhas pelo caminho que leva à vida; a eles toca escolher-lhes o pasto que lhes convém e defendê-las dos lobos que rondam o redil para devorar as ovelhas que se extraviam. Qual deve ser, pois, a docilidade destas ovelhas, e qual a caridade e santidade destes pastores? A porta por onde o pastor deve entrar no redil para pôr-se à frente do rebanho é Jesus Cristo. E assim, qualquer que se mete a ser pastor sem ser chamado por Jesus Cristo, e sem estar animado da caridade de Jesus Cristo para com o rebanho, não é outra coisa que um ladrão, que pretende não alimentar e engordar as ovelhas, mas enriquecer-se com seus despojos, segundo as palavras do Salvador do mundo. O verdadeiro pastor, diz Jesus Cristo, faz que as ovelhas ouçam sua voz; quer dizer que as

instrui pública e privadamente. Como desempenhará esta obrigação se lhe falta o zelo? Deve resolver suas dúvidas: como o fará se é ignorante? Deve consolá-las em suas aflições: que consolo poderá dar-lhes se está pouco versado nos caminhos de Deus? Se só tem uma ligeira tintura de espírito e uma virtude superficial? O verdadeiro pastor deve marchar à frente do rebanho; isto é, deve dar-lhe exemplo, deve fazer-lhe ver em seus costumes a prática das verdades que prega. Tais devem ser os pastores, para que as ovelhas conheçam sua voz e os sigam com gosto. Oxalá, meu Deus, todos fossem tais em vossa Igreja! Um pastor que se afasta demais de sua igreja, ou que se descarrega sobre outro do cuidado que ele deve ter, é olhado pelas ovelhas como um pastor estranho. As ovelhas, pouco acostumadas a ouvi-lo, não conhecem sua voz; vendo-o sem zelo para socorrê-las, não vão atrás dele; afastam-se, extraviam-se. Que conta não terão de dar a Deus estes pastores! Todas estas verdades não falam somente com os primeiros pastores. Os superiores das comunidades, os pais de família, os amos devem olhar a todos os seus inferiores, a todos os seus súditos, a todos os que deles dependem como ovelhas suas; devem ter zelo por sua salvação; hão de cuidar e velar sobre eles e, sobretudo, hão de dar-lhes bom exemplo. Ó Deus, e quantas pessoas se condenam por não haverem cumprido as obrigações de seu estado!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro

deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Dos que deixam a Deus depois de o haverem servido algum tempo

Primeiro ponto

Considera como os que têm provado de Deus por algum tempo, servido-o de boa-fé e sido verdadeiramente devotos e exemplares; como, repito, estas pessoas são dignas de lástima quando se desgostam de uma vida tão doce, quando se retiram do serviço de Deus. Estas quedas são tanto mais funestas quanto poucas vezes deixam de ser mortais; poucas verdadeiras conversões se veem desta espécie de apóstatas. Sucede com os que deixam a devoção o mesmo que com os que abandonam a fé: quantos destes se convertem? Quantos que não chegam a ser mais malvados que os infiéis de nascimento? São poucos os desertores da devoção que não dão com o tempo nos maiores excessos de libertinagem; e, por via de regra, com grande estrondo. É verdade que o Senhor sente perder uma obra que custou tanto e lançar fora de sua graça um privado seu. Com dificuldade se irrita seu enojo contra uma alma favorecida. Quantos convites, quantas ofertas não lhe faz para que não se deixe enganar? Mas, enfim, esta alma se desgostou do serviço de Deus, resolveu mudar de dono; sua deserção, sua rebelião se faz sempre, como se disse, com estrondo. Seja artifício do inimigo da salvação, que quer pôr sua nova conquista em estado de não se converter jamais; seja efeito da malícia do coração humano, que, fatigado de tantos temores, de tantas razões e remorsos, quer de um só passo saltar tantas barreiras, quer de um só golpe romper tantos laços e sufocar de uma vez tantas luzes importunas; o que vemos é que se cai na dissolução desde o primeiro passo. Conversações livres e licenciosas, ares libertinos, termos ímpios, sátiras contra a Religião são, por via de regra, o princípio por onde começa uma pessoa a declarar que já não é devota e a publicar que mudou de costumes, mudando de amo. Um devoto pervertido atropela tudo; ele é o primeiro a dizer o que é, por medo de que o repreendam com o que foi: umas vezes recaem suas miseráveis sátiras sobre a demasiada exatidão com que uma alma piedosa cumpre suas obrigações; outras vezes tem por objeto a frequência dos Sacramentos: aqui

se desenfreia contra um pai demasiadamente cristão; ali contra um pregador demasiadamente zeloso; faz alarde de ser irreverente nos lugares sagrados. Deve-se ter-lhe lástima, porque, quanto mais desprezível se faz por sua libertinagem, tanto menos adverte que o desprezam. É possível que uma pessoa que foi piedosa, e que ainda não perdeu o juízo, possa não ver a impressão que sua mudança fez no público, de quem veio a ser a fábula; e o que parece diante de Deus, que o olha com horror? Ah, meu Deus, e quão longe vai o desbarato quando se abandona vosso serviço!

Segundo ponto

Considera como a cegueira vai no encalço desta sorte de apostasias, e como o endurecimento não dista muito desta pronta cegueira. Mas não há alguns intervalos favoráveis antes de chegar a este extremo? Há-os: no princípio se sentem alguns remorsos, descobre-se a verdade através destas primeiras névoas; mas se ama o sono para não sentir o mal. Tudo o que entorpece os sentidos e ofusca a razão se olha e se emprega como remédio contra todas estas inquietações. Esse novo libertino busca mil meios e inventa mil modos de ser mais mau, para não tropeçar com os meios e modos de fazer-se mais cristão. Sente as pontadas de mil remorsos salutares, mas procura embotar-lhes a ponta por meio de novos prazeres. Quanto mais o persegue a graça, tanto mais procura esquivar-se a seus tiros; mergulha em toda sorte de delícias para suavizar suas penas interiores e calar os gritos importunos de sua consciência. Quanto mais atormentado se vê, tanto mais se agita: o excesso de suas dissoluções é a prova mais clara do excesso de seus novos remorsos. Daqui nascem essas liberdades escandalosas de que os mais velhos libertinos se horrorizariam; daqui essas abjurações públicas que os próprios ímpios não podem sofrer; daqui o desenfreio furioso contra todos os que fazem profissão de virtude. Não pode sofrer estes mudos censores; a só vista de um homem de bem parece pô-lo frenético, despertando nele mil baldões da parte da consciência e mil pesares involuntários por sua espantosa mudança. Quantos se veem curar desta espécie de enfermidades da alma? Quantos se veem voltar destes deploráveis desvios? Convertem-se muitos desses devotos que chegaram a ser libertinos? A morte os espanta, os assusta, os leva ao desespero; mas raras vezes à penitência.

Senhor, fazei que eu perca antes a vida que a devoção. Vós me fizestes o favor de chamar-me a vosso serviço; concedei-me a graça de que persevere nele. Que seria de mim se, depois de todas estas reflexões, depois de haver meditado estas verdades, viesse eu mesmo a ser triste exemplo de tão horrível castigo?

Jaculatórias

Afirmai meus pés no caminho que leva a vós, para que jamais me desvie dele. (Sl 16.)

Já que me fizestes o favor de chamar-me a vosso serviço, fazei que persevere nele até a morte. (Sl 67.)

Propósitos

1. Que prova pode haver maior de um espírito apoucado e de um coração mal nascido que uma mudança tão irreligiosa e tão irracional? A depravação dos costumes foi jamais sinal de um talento superior? Uma ligeireza igual, uma inconstância tão odiosa em matéria de costumes, é uma das maiores provas da debilidade de espírito. Abandonar a Deus depois de haver provado dele é impiedade; mas zombar-se e fazer chacota de haver sido aplicado a suas obrigações, de haver sido devoto, é insensatez. Por ventura a virtude é menos estimável, menos respeitável, é menos virtude desde que este covarde cristão deixou de ser devoto? O Senhor merece menos ser servido? Seus fiéis servidores são menos prudentes depois que esse jovem libertino saiu de seu serviço? As verdades terríveis que o aterraram tantas vezes perderam sua força? As máximas de Jesus Cristo, sobre as quais regulou por tanto tempo sua conduta, são menos santas depois que ele se perverteu? Fez-se ele mais prudente, mais sensato desde que se fez observador menos religioso da lei? Ser ele tão circunspecto como era em suas palavras, tão modesto na igreja, de tanta edificação em sua conduta e tão cristão em toda parte, era fraqueza de espírito, era necedade? Eis aqui as reflexões que deves fazer tu mesmo quando sabes que um homem se relaxou no serviço de Deus e que uma mulher já não é devota. Deves fazer estas reflexões na presença de teus filhos para preveni-los contra os maus exemplos; e nada temas tanto como relaxar-te na devoção.

2. Logo que advertires que teu fervor se esfria, que não tens aquela delicadeza de consciência que costumavas ter, que as faltas veniais não te fazem tanta impressão, teme tudo, pois por estas brechas entra regularmente o inimigo na praça. Aumenta então teu fervor e teus exercícios de piedade: não deixes de ir manifestar teu estado interior a teu diretor: faze alguma nova penitência; e não deixes de fazer uma oração particular todos os dias para pedir a Deus a perseverança.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:22 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:23 by Admin